

Bioética, ecologia integral e a encíclica *Laudato si'*

Bioethics, integral ecology and the encyclical *Laudato si'*

Alvaro Angelo Salles¹

Resumo

Este estudo procura salientar a equivocada percepção das pessoas em referência ao estado de degradação do planeta, bem como examinar a convergência de propósitos das propostas advindas da Bioética (principalmente a da bioética da intervenção), da ecologia integral e do santo padre Francisco (expressa na encíclica *Laudato si'*) no referente à urgente necessidade de uma reformulação de atitudes do ser humano em relação ao planeta. É enfatizado na discussão o caráter holístico daquele texto apostólico, bem como a postura do papa Francisco como a de um autêntico bioeticista voltado a questões sociais e ambientais. Adotou-se como metodologia apresentar em seguida aos trechos encíclicos selecionados os fundamentos referentes a eles provindos das ciências ligadas à ecologia integral e da bioética. O objetivo deste trabalho não se restringe à disseminação de conhecimentos legítimos e perspectivas sobre a degradação planetária e suas iníquas consequências, procurando-se igualmente o favorecimento de seu exame de uma perspectiva holística. Em sua parte final, o estudo traz uma proposição prática para ajudar a resolver o problema da escassez de água nas grandes cidades e ainda reforça o apelo do papa Francisco para que todos promovam ações visando ao bem comum do planeta.

Palavras-chave

Bioética. *Laudato si'*. Casa comum. Ecologia integral. Papa Francisco.

Abstract

This study seeks to highlight people's misperception in reference to the state of degradation of the planet Earth, as well as to examine the convergence of purposes from those proposals presented by Bioethics (mostly from the intervention bioethics), the integral ecology, and the holy father Francis (as expressed in the encyclical *Laudato si'*) in relation to the urgent necessity of a reformulation of attitudes from mankind towards the planet Earth. It is emphasized in the discussion the holistic trait of that apostolic text, as well as the position of pope Francis as an authentic bioethicist focused on social and environmental issues. It was adopted as a methodology, to present after the selected encyclical excerpts the fundamentals referring to them coming from the sciences linked to integral ecology and from bioethics. The goal of this work is not restricted to disseminating legitimate knowledge and perspectives about planetary degradation and its iniquitous consequences but equally to favor its examination from a holistic perspective. In its final part, this study brings a practical proposition to help solve the issue of water scarcity in big cities, and also reinforces pope Francis' appeal that everyone promotes actions aiming for the common good of planet Earth.

Keywords

Bioethics. *Laudato si'*. Common home. Integral ecology. Pope Francis.

¹ Doutorando em Bioética na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Bioética pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS). Especialista em Bioética pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e em Psiquiatria pela Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica (FEAP-FCMMG). Bacharel em Medicina pela Faculdade de Medicina de Itajubá (FMIIt), em Direito pela Faculdade Dom Hélder Câmara (ESDHC) e em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da Câmara Técnica de Bioética do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais e da Comissão de Bioética da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Minas Gerais. Contato: alvaroangelo5@yahoo.com.

INTRODUÇÃO

Em uma reflexão sobre a natureza, Aldous Huxley diz, em *A situação humana*:

O homem tem vivido demasiadamente no planeta à moda de um parasita que se sustenta daquilo que infesta. Se muitos parasitas são bastante ajuizados para não destruírem seu hospedeiro porque destruiriam a si mesmos, o homem não é um desses parasitas ajuizados. Ao contrário, muitas vezes viveu em seu hospedeiro fazendo de tudo para arruiná-lo totalmente (HUXLEY, 2006, p. 10).

Críticas como essa não ficam, infelizmente, circunscritas a escritores de ficção. Os cientistas fazem alertas semelhantes, mostrando a essencial conexão entre os organismos e o ambiente e ressaltando a necessidade de constantes trocas entre os sistemas como única forma de manutenção da vida. “O homem também é o produto do seu ambiente, mas contrariamente aos outros seres vivos, ele pode talhá-lo, organizá-lo ou estragá-lo”, confirmam Suzanne e Pierre Déoux, que também apontam nos estudos científicos a questão da responsabilidade e do cuidado do ser humano para consigo mesmo e com a natureza. “O homem é o único animal do planeta que pode gerar a sua destruição. Faz sentido proteger a natureza porque o homem está no centro do debate ambiental uma vez que a sua saúde depende do meio exterior onde vive.” (DÉOUX; DÉOUX, 1996, p. 21). A uma atitude de descuido do homem com seu próprio *habitat*, outro fator – que pode até passar despercebido para alguns – é que a preocupação das indústrias e empresas com a proteção ambiental tem se revelado, infelizmente, uma atitude de *compromisso aparente*, que encobre seu objetivo real, isto é, seu resguardo de sanções previstas por algum tipo de legislação. Até onde lhes é possível, as indústrias em geral têm como propósito a busca do lucro. No crescimento das cidades e com a tendência de produtos descartáveis e a obsolescência programada pelas indústrias, vem ficando cada vez maior o consumo de água, de energias e de matérias-primas, todos esses elementos buscados de maneira inconsequente na natureza.

Ao discutirmos neste artigo facetas dessa temática, damos ênfase à questão de uma equivocada percepção da população em geral no tocante a presente condição de degradação do meio ambiente e à convergência entre três propostas sobre a situação planetária atual: a da bioética, a do papa Francisco e a dos estudos científicos. Na discussão bioética, são destacados princípios da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH) e da bioética da intervenção (gestada na América do Sul), por ter essa um viés mais inclusivo e politizado em relação às iníquas questões sociais do momento. Dos textos do papa Francisco, selecionou-se para referencial dos estudos a *Carta encíclica Laudato si’: sobre o cuidado da casa comum*, documento de 2015, quando o papa Francisco já revelava sua profunda preocupação com a gravidade da situação ambiental e suas consequências sociais, convidando-nos a refletirmos sobre a questão, uma mensagem que continua atual quando se constata hoje a crítica situação da natureza. Trechos da encíclica, escolhidos entre os conexos à temática do presente estudo, serão

reproduzidos e trabalhados então a partir de dados científicos do universo da ecologia integral, procurando-se destacar ali seu entrosamento com os dizeres do papa.

Procuramos ainda compreender e ressaltar o caráter holístico do texto da encíclica, que convida à harmonia seres de todos os tipos – humanos e demais elementos da natureza – trazendo um brilho rejuvenescedor à doutrina cristã. Acreditamos que, ao fazê-lo, traremos à cena material mais que suficiente para mostrarmos que Francisco, além de autêntico líder religioso, assume posturas de um legítimo bioeticista.

Ainda nos cabe ressaltar nesta discussão a percepção revelada pelo papa Francisco de que é bastante possível um diálogo entre a religião e a ciência, e entre a fé e a razão, aspectos que, longe de incompatíveis ou incongruentes, são complementares e que, como tal, podem se expressar dentro de um contexto de cooperação, principalmente em áreas relacionadas à existência do ser humano, à sua qualidade de vida e à preservação da natureza. Essa harmonia entre as palavras do papa na encíclica, os fundamentos bioéticos e os ditames dos grandes pensadores e cientistas trazidos aqui revela o engajamento e a presença de ações proativas daquele pontífice no sentido de se reconhecer um caminho comum para os cristãos, bem como sua profunda percepção das iníquas e graves questões de injustiça social do momento.

Acreditamos que nosso objetivo ao apresentar este texto coadune-se com o de Francisco quando ele diz: “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer as contribuições que cada um lhe pode dar.” (LS 19). Esperamos que este trabalho represente uma pequena parcela de contribuição na disseminação do conhecimento da realidade planetária; da necessidade de se promover um crescimento tecnológico em harmonia com princípios de ética e justiça social; e, ainda, da sabedoria e da sensibilidade do papa Francisco em suas orientações sobre o assunto.

1 A CASA COMUM

O papa Francisco escolheu para a abertura da encíclica uma figura – casa comum – que congrega dois elementos sempre preciosos aos seres, humanos ou animais: casa e família.

“Laudato si’, mi’ Signore – Louvado sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços (LS 1).

A metáfora da família que acolhe, usada por Francisco, poderia com exatidão ser deslocada para a representação da *teia da vida* em que todos os seres se entrelaçam em uma constante situação de compartilhamento, atualmente aceita por diversos autores, povos e comunidades. Dos povos andinos, por exemplo, tem-se o conceito de *Pachamama*, a *Mãe Terra* que nutre e acolhe. Também desenvolvem com notável delicadeza a percepção do valor insubstituível de cada elemento da *Mãe Terra*, por menor que seja, por meio da lenda da *abuela*

grillo, o animalzinho que, ao emitir sons, chama a água para nutrir toda a lavoura (ZERPA, 2019). Os aborígenes da Austrália demonstram, há mais de quarenta milênios, um relacionamento de respeito entre eles mesmos, no papel de seres humanos, e em relação aos demais seres naturais. Veem-se “como parte integrante do meio ambiente físico, não como algo à parte das outras coisas vivas naquele meio, mas sim tendo uma íntima relação com elas”, como explicado por Malykke (1988, p. 5-6, tradução nossa).² Para expressar esse uníssono de elementos, Lovelock (2007) entende o planeta – Gaia – como sendo um ser vivo e, preocupado com a postura dos humanos diante da destruição da natureza, o autor aconselha que eles se conscientizem da situação de seu planeta; entendam os problemas que ele atravessa e procurem conclusões certas; e, finalmente, tentem sanar os problemas. Hoje, acredita Lovelock, o homem está em algum ponto entre o primeiro e o segundo estágio dessa sequência.

A estrutura de entrelaçamento da *teia* representa a relação entre tudo que seja vivo, disso vindo à compreensão que o homem compõe todos os demais seres, sendo por eles igualmente composto. O ciclo engloba todos os seres, a água, na forma de vapor, forma as nuvens, a chuva, as fontes de água. O homem e os animais bebem a água e se alimentam das plantas e de outros seres da natureza... E a sequência continua. Disse Rodrigues que as relações são as essências do mundo vivo, “já que cada ser é um pouquinho do outro ser”, explicando: “cada qual é um pouco de cada um, de cada organismo vivo. Deste modo, o homem é um pouco do mar, um pouco da floresta, um pouco do animal, um pouco de outro homem” (2006, p. 35), um pensamento que traduz com precisão a ideia do entrelaçamento entre qualquer tipo de ser.

2 SOMOS TERRA, AR E ÁGUA

Francisco chama a atenção para a similaridade do corpo humano com o planeta.

Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (LS 2).

Nosso corpo tem em sua constituição 70% de água, aprendemos desde os estudos básicos. A água é o solvente universal. Sem a água não conseguiríamos sobreviver mais que uns poucos dias. Os nossos pulmões e nosso sangue têm componentes gasosos, que possibilitam que vivamos pela nossa respiração. Nosso esqueleto é basicamente composto por cálcio, como as pedras calcárias do planeta. Somos terra e para a terra retornaremos, diz-se. Igualmente, no nosso sangue, somos água e voltaremos a nos diluir nas águas que correm nos veios da terra e sobre ela, não se pode esquecer de que a vida no planeta começou na água dos oceanos e que só posteriormente migrou para a terra firme.

² “[...] as an integral part of the physical environment, not something apart from all other living things within it, but having an intimate relationship with them” (MALYKKE, 1988, p. 5-6).

Bastariam esses dados para dar respaldo às palavras do pontífice e desfazer uma pretensa posição superior do ser humano em relação aos outros elementos da natureza. O papa escolhe, porém, já no início da encíclica, identificar a situação da Terra, agora oprimida e devastada, com a situação dos que pertencem à classe econômica menos favorecida, estabelecendo uma preocupação que condensa tanto a questão da natureza como a problemática social da atualidade. Em relação a esse aspecto social, a bioética da intervenção, pelo princípio da proteção, volta-se para a questão da defesa dos seres humanos excluídos, dos vulneráveis, dos estigmatizados e, ainda, dos animais.

3 MUDAR E MELHORAR

Entremeando sua fala com palavras de João Paulo II, o papa Francisco traz à discussão ideias sobre mudanças calcadas no respeito à pessoa humana e, reforçando temas que apresentara anteriormente, fala da necessidade de se entender que existe uma ligação entre todos os seres – humanos ou da natureza em geral.

Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas “nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades” (CA, 1991). O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado” (SRS, 1987). (LS 5).

O respeito a tudo preconizado por Francisco foi prezado por Einstein quando aquele cientista e pensador contava como ele via o mundo: “a vida é sagrada, representa o supremo valor a que se ligam todos os outros valores.” (1955, p. 114). Também a DUBDH, adotada por aclamação e publicada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2005, foi cuidadosa ao incluir entre seus objetivos a promoção de “uma estrutura universal de princípios e procedimentos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2005, p. 4) que orientasse os Estados na formulação, dentro do campo bioético, de legislação e políticas como um sistema ordenado para mudanças no mundo em relação a suas estruturas de poder, de modo a abranger todos os seres.

Na similaridade entre as duas falas, de Francisco e da DUBDH, é inequívoco o alerta sobre um sistema vigente no mundo ao qual pode ser imputada parte da responsabilidade de um progresso que carece de caráter moral e respeito à pessoa. A palavra-chave é, em ambos os casos, *mudanças* – mudanças que se mostram prementes para todos os seres.

4 ACOMODAÇÃO E NEGACIONISMO

A importância de uma solidariedade entre todos ficou bastante clara em Francisco na encíclica *Laudato si'*:

As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal. (LS 14).

Solidariedade entre os seres humanos e cooperação internacional são temas de atenção da DUBDH também, em seu artigo 13. O conceito é ainda particularmente caro para a bioética da intervenção, quando se trabalha o princípio da solidariedade crítica, uma solidariedade mais compartilhada e fraternalmente cristã, que poderia ser entendida de maneira simples como *ensinar a pescar em vez de dar o peixe*.

Harmônicas em seus motivos, a encíclica e a declaração trazem à discussão a premência de uma solidariedade que também compartilhe conhecimentos, no tempo da pós-modernidade, tempo este de desinformação, de falta de compromisso com o que é assumido, de *fake news* e abandono ou negação dos mais importantes valores éticos e cristãos.

O mecanismo de negação tem marcado forte presença no mundo político, de modo especial no Brasil, disso resultando desastrosos efeitos para a fauna e flora do país, bem como para a vida e a saúde do povo, pelo que merece ser mais bem entendido. Psicanaliticamente, defender-se pelo mecanismo da negação consiste em negar a dor (ou outras sensações de desprazer) e aqueles fatos que são perturbadores e que a pessoa não quer ver de frente. Ao negar, a pessoa consegue uma sensação de alívio e passa a acreditar também que não foi afetada pela situação incômoda. Bastante ineficaz, é entretanto largamente usado e corresponde ao que algumas comunidades conhecem como síndrome do avestruz.

5 POLUIÇÃO PELOS RESÍDUOS

A questão dos resíduos tóxicos revela-se também como outro motivo de preocupação de Francisco em relação à “nossa casa”:

Devemos considerar também a poluição produzida pelos resíduos, incluindo os perigosos presentes em variados ambientes. Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrônicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioativos. A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. (LS 21).

Em 1962, a bióloga marinha Rachel Carson já alertava sobre os perigos do DDT (um defensivo agrícola) e da extensa disseminação de substâncias químicas pelo homem “desde o instante em que é concebido até sua morte” (CARSON, 2018, p. 29). Os pesticidas sintéticos “entram e se alojam no corpo dos peixes, pássaros, répteis e animais domésticos e selvagens de forma tão universal que os cientistas que fazem experiências em animais consideram quase impossível localizar espécimes livres de tal contaminação.” E a bióloga complementa com um

dado assustador: “Eles são encontrados no leite materno e, provavelmente, nos tecidos dos fetos.” (CARSON, 2018, p. 29).

O papa Francisco, ao incluir um alerta sobre a poluição pelos resíduos, não só expressa seu conhecimento sobre a questão gravíssima do descarte de produtos e substâncias poluentes nos mares, ele atesta o lastro científico de suas afirmações e o entremeio de ciência e consciência – neste caso, a consciência de que esse descarte é uma atitude grave e diretamente prejudicial ao planeta. E, nesse sentido, Francisco está indo além da sustentação de atitudes de benefício, cuidando também daquelas atitudes de malefício que nem deveriam ser iniciadas pelo homem – o que os bioeticistas usualmente denominam o princípio da não maleficência.

6 POLUIÇÃO E SAÚDE

Complementando sobre os estragos causados às águas e seus habitantes por causa do descarte de resíduos, o papa sinaliza para o efeito que isso traz à saúde do homem.

Tanto os resíduos industriais como os produtos químicos utilizados nas cidades e nos campos podem produzir um efeito de bioacumulação nos organismos dos moradores nas áreas limítrofes, que se verifica mesmo quando é baixo o nível de presença dum elemento tóxico num lugar. Muitas vezes só se adoptam medidas quando já se produziram efeitos irreversíveis na saúde das pessoas. (LS 21).

Exemplo dessa irreversibilidade apontada pelo papa Francisco é a doença de Minamata. Conforme detalham Kalina e Kovadloff (1983), a doença foi diagnosticada em humanos em 1956. Em 1971 já eram 121 as pessoas contaminadas, das quais 45 morreram. Os transtornos neurológicos que trazia eram surdez, cegueira, convulsões, perda do domínio afetivo, atraso intelectual e coma. A causa da doença, descobriu-se em 1964, era a ingestão de grande quantidade de produtos marinhos da Baía de Minamata, no Japão, cujas águas estavam contaminadas por dejetos de uma fábrica de aldeído acético. Apesar da comprovação, a contaminação por mercúrio se repetiria posteriormente na região dos Bálticos, dos Grandes Lagos da América do Norte e de outros lagos do Canadá. O homem continuava a adotar suas condutas autodestrutivas.

7 ÁGUA E MORTALIDADE INFANTIL

A triste constatação das mortes infantis pelo falta de uma água de qualidade é trazida de modo especial no apelo papal.

Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por micro-organismos e substâncias químicas. A diarreia e a cólera, devidas a serviços de higiene e reservas de água inadequados, constituem um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil. (LS 29).

Nos tempos mais antigos a água e a cor branca eram símbolos de pureza, tão diferentemente da atualidade, quando a maior parte do planeta tem suas águas poluídas. Em muitos lugares elas estão escasseando e dando margem a disputas, às vezes violentas, por sua posse. No final do século XX, Suzanne e Pierre Déoux mostravam que a situação de contaminação da água já era assustadora: “encontramos na água mais de 2.000 poluentes químicos de todos os gêneros como os carcinogêneos, entre os quais cerca de 750 na água bebível” (1996, p. 255). Um alerta sobre a capital importância da água como elemento de conexão indispensável para que haja a continuidade da vida vem ainda daqueles cientistas. “A poluição da água deve ser colocada no primeiro lugar dos problemas do ambiente, pois a água é uma *interface* entre o ar e o solo, e como tal, sujeita à degradação por ambos.” (1996, p. 255).

Em plena conformidade com o apelo papal, a água é, também para a DUBDH, uma questão de responsabilidade social e saúde, temas de seu artigo 14. As diretivas daquela declaração, considerando que “usufruir o mais alto padrão de saúde atingível” seja “um dos direitos fundamentais de todo ser humano” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2005, p. 7), independentemente de raça, religião, convicção política, condição econômica ou social, norteiam o progresso da ciência e da tecnologia no sentido de que exista, para todos, acesso à nutrição adequada e à água de boa qualidade, e que seja promovida a melhoria das condições de vida e do meio ambiente, tema igualmente caro à Bioética da intervenção em seu princípio da justiça social.

8 ESGOTAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS

Mudanças de hábitos são outra questão que Francisco considera imprescindível para a sustentação da vida do homem e do planeta.

Outros indicadores da situação atual têm a ver com o esgotamento dos recursos naturais. É bem conhecida a impossibilidade de sustentar o nível atual de consumo dos países mais desenvolvidos e dos sectores mais ricos da sociedade, onde o hábito de desperdiçar e jogar fora atinge níveis inauditos. (LS 27).

Cabe aqui lembrar o conceito de “água virtual”, água cujo volume não é percebido nem computado durante, principalmente, a produção de alimentos, bens e serviços. Introduzido por Tony Allan, geógrafo norte-americano, no início dos anos 1990, o conceito seria a base de detalhadíssima pesquisa de Hoekstra e Chapagain (2011), que buscavam determinar o real gasto de água no final de um processo produtivo. Conforme os autores, a proposta inicial apresentada pela Novib (Oxfam International) em 2003 era determinar quanto de água é necessário na produção de uma xícara de café, incluídas aí todas as fases de produção. A resposta foi que uma xícara de café dispense 140 litros de água, principalmente de água de chuva para o crescimento do pé de café. A esse resultado, lembra Herendeen (2004), ainda precisam ser acrescidos o trabalho e a energia dispendida, direta ou indiretamente, durante a produção. Outros autores

também trabalham com o conceito de água virtual, água embutida ou água não visível, sendo que Gomes (2005) contribui mostrando as consequências desastrosas para o planeta decorrentes do consumo excessivo de carne na nossa dieta e exemplificando que uma posta de carne com menos de 230 gramas utiliza 25 mil litros de água doce em sua produção.

Seja por uma xícara de café, uma posta de carne, uma sacola de plástico ou outra forma de usar a água, talvez haja um mérito especial na fala de Francisco na escolha do termo *hábito*. Todos têm hábitos, mesmo aqueles conscientes da necessidade de preservar o planeta, só que as ações já transformadas em hábitos dão pouca margem a refletirmos sobre elas. Ao falar em hábito, o papa traz à lembrança que, se é impossível sustentar o atual nível de consumo, cada ação nossa precisa ser revista, repensada, talvez mudada, atitudes também em conformidade com os princípios da prudência e da precaução da bioética da intervenção.

9 ÁGUA PRIVATIZADA

Um dia histórico para o direito internacional em relação à dignidade humana foi 28 de julho de 2010, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas reconheceu o direito humano à água potável, segura e limpa e ao saneamento como situações essenciais para que o direito à vida tivesse integral fruição (BARLOW, 2015). Como resultado de doenças veiculadas pela água, a cada três segundos e meio no mundo morre uma criança de um país periférico como o Brasil, em constatação da Organização Mundial da Saúde. Assim, o reconhecimento do direito à água, foi um avanço considerável na luta pela justiça no compartilhamento da água no mundo, mas essa luta precisa continuar. Como alerta Barlow, “reconhecer um direito é simplesmente o primeiro passo para torná-lo uma realidade para os milhões que estão vivendo à sombra da maior crise do nosso tempo.” (2015, p. 13).

Essa situação de insegurança está entre as preocupações do papa Francisco:

Enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado. Na realidade, o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos. (LS 30, grifo do autor).

Já se sabe que o sistema capitalista não admite que os recursos naturais e a própria saúde humana sejam um direito da pessoa, entendendo que sejam simplesmente uma mercadoria à disposição dos que por ela possam pagar. Segundo Barlow, esse direito é “uma questão de justiça, não caridade” (2015, p. 17), e as estruturas de poder precisam ser desafiadas, já que dão desigual suporte ao acesso às reservas de água doce, cada vez mais escassas. O Conselho Mundial da Água, ressalta ainda o autor, é um oponente poderoso constituído como grupo internacional de estudos sobre políticas relacionadas à água e formado por membros provindo de corporações e bancos de investimentos.

Um dado que precisa também ser veiculado é que o Fórum Mundial da Água, desde sua criação em 1997, tem se posicionado contra o direito à água e que esse mesmo posicionamento tem sido o do Canadá e dos Estados Unidos, países que, mais recentemente, também se manifestaram contra os chamados direitos humanos de segunda e terceira geração (BARLOW, 2015). Vale lembrar que estão entre direitos de segunda geração moradia, emprego, saúde e previdência social; entre os de terceira geração podem ser citados autodeterminação, desenvolvimento socioeconômico, direitos coletivos e de grupos e, principalmente, o direito de proteger recursos naturais locais.

A água, recurso natural imprescindível, tem sido tratada como mercadoria a ser levada por aquele que melhor puder pagar por ela. Impedir a disponibilidade da água fere o princípio básico da justiça social, tema de relevo na DUBDH em seu artigo 10. Em termos de dignidade e direito, adverte a declaração, a igualdade fundamental, a justiça e a equidade precisam ser respeitadas, sendo esta última também objeto de consideração da bioética da intervenção.

À luz dessas advertências, percebe-se o engodo no qual a população cai diante de mensagens governamentais que buscam privatizar serviços públicos que ainda garantem o tratamento de água para a população urbana ou da propaganda de multinacionais que assumem o uso, envasamento e distribuição da água de fontes hidrominerais de direito universal (como no exemplo da água mineral São Lourenço). Dessa forma, mais uma vez a água adquire a feição de mercadoria e não fica mais disponível aos que não podem pagar.

10 ESCASSEZ DE ÁGUA E RISCO DE GUERRA

Agravando a questão da insuficiência da água para as populações mais pobres, o mundo começa a presenciar conflitos armados pela sua posse, tema não esquecido por Francisco.

Uma maior escassez de água provocará o aumento do custo dos alimentos e de vários produtos que dependem do seu uso. Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes. Os impactos ambientais poderiam afetar milhares de milhões de pessoas, sendo previsível que o controle da água por grandes empresas mundiais se transforme numa das principais fontes de conflitos deste século. (LS 31).

O Brasil é um país agraciado com 12% das reservas de água do mundo. No entanto, vários países já sofrem de escassez crônica de água (DIAS, 2015). Esse autor sugere que a aparente abundância de água na paisagem leve ao equívoco de se pensar na água como elemento em abundância no planeta Terra, o que justificaria, parcialmente, “a negligência histórica dos seres humanos nas suas relações com os recursos hídricos”, um equívoco que ele contradiz com dados: “da água existente na Terra (1.370.000.000 km³), 97% estão nos mares (1.320.000.000 km³), e apenas 3% de água doce. Desses 3%, 76% estão sob a forma de gelo polar, portanto indisponíveis. Logo, como água potável resta apenas 0,03% do total de água do planeta” (DIAS, 2015, p.155), um índice indiscutivelmente incrível e perigoso.

As previsões do papa sobre o controle das águas como a principal fonte de conflito do século não poderiam ser mais acertadas ou atualizadas. A escassez da água tornou-se responsável por um tipo novo de refugiados no mundo – os refugiados ambientais – que já são 30 milhões de pessoas atualmente e que podem atingir o número de 150 milhões até 2050. Essa informação é de Mastny e Cincotta (2005), que trabalharam com previsões do Instituto Ambiental e de Recursos Naturais do Cairo, entidade que também apontou entre as causas do fenômeno a escassez de recursos, a distribuição injusta de recursos naturais, o desmatamento, os desastres naturais e a destruição sistemática do meio ambiente. Analistas dizem então que “guerras por recursos”, e principalmente por água doce, serão inevitáveis nas próximas décadas, complementam os autores (MASTNY; CINCOTTA, 2005, p. 36). Em 2010 já havia sido divulgado pelo Conselho Científico do Governo Federal Alemão para Consultas sobre as Modificações do Ambiente Global (WBGU) que naquele momento não era possível a um bilhão e cem milhões de pessoas qualquer acesso seguro à água potável em quantidade e com qualidade suficientes, como mostra Welzer (2016). O mesmo autor chama a atenção para o caso do Sudão, primeiro país cujas variações climáticas foram consideradas como responsáveis diretas pela guerra civil e para um *continuum* de violência. “O panorama do Sudão”, complementa Welzer, “é a visão de nosso futuro.” (2016, p. 25).

11 ÁGUAS OCEÂNICAS E OS LIXÕES DE PLÁSTICO

O alerta de Francisco sobre os detritos jogados no oceano tem um caráter de urgência.

Os oceanos contêm não só a maior parte da água do planeta, mas também a maior parte da vasta variedade dos seres vivos, muitos deles ainda desconhecidos para nós e ameaçados por diversas causas. Além disso, a vida nos rios, lagos, mares e oceanos, que nutre grande parte da população mundial, é afetada pela extração descontrolada dos recursos ictícos, que provoca drásticas diminuições de algumas espécies. (LS 40).

Mesmo uma pesquisa superficial é capaz de revelar de imediato dados assustadores sobre a situação dos oceanos e seus habitantes. Fator de sério comprometimento àquele *habitat* são os lixões de plástico carregados pelos rios e ventos para os oceanos (ACABANDO, 2021) e as evidências científicas põe à mostra dados preocupantes.

O Programa Ambiental das Nações Unidas (PNUMA) reporta que 90% dos detritos dos oceanos são compostos por plástico, existindo 46 mil fragmentos de plástico em cada 2,5 km² da superfície marinha, os quais afetam a vida dos animais. Muitos morrem por asfixia ou lesões internas causadas pela ingestão de plástico e polímeros, material que mata também o incrível número de mais de um milhão de aves marinhas todos os anos. São oito milhões de toneladas de plástico (muitos do tipo que se usa uma vez só) despejados anualmente nos oceanos e já são 150 milhões de toneladas de resíduos plásticos (dados colhidos da ONU em 2018) formando verdadeiras *ilhas* de lixo. E um alerta bem assustador vem da Fundação Ellen MacArthur: até o

ano de 2050 haverá nos oceanos mais plástico do que peixes se não houver providências enérgicas a respeito do problema (ARAGUAIA, 2021).

12 O ATUAL ECOCÍDIO

Uma forma enganosa de resolver um problema é ignorá-lo. Diz Francisco:

Se nos detivermos na superfície, para além de alguns sinais visíveis de poluição e degradação, parece que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido. (LS 59).

A opção feita pelo ser humano – e aqui apontada pelo papa Francisco – de desconsiderar a questão da degradação dos recursos naturais pelo bem da manutenção de um estilo de vida capitalista configura um tipo de comportamento que já mereceu estudos na área psicanalítica. No entender de Kalina e Kovadloff (1983), as condutas antivitais e suicidas do homem moderno não são fruto de desconhecimento das consequências desastrosas de certas formas de progresso, pois o homem está consciente de que a depredação do planeta equivale à sua própria aniquilação. Expressando-se de forma que nos remete às teorias de Freud ao tratar da questão de *Tânatos*, dizem aqueles autores. “Trata-se, julgamos, de um comportamento patológico que assumiu, na sociedade atual, o caráter de normalidade. O mundo contemporâneo assumiu francamente suas tendências destrutivas. Não as ilude nem as disfarça: as atua – e de forma cada vez mais comprometedora.” (KALINA; KOVADLOFF, 1983, p. 82-83). Mais uma vez a percepção ampla do papa é de surpreendente clareza e abarca até abstratos conceitos psicanalíticos.

O ser humano não é um ser isolado em nenhum momento, nem é responsável apenas por si, o que fica claramente defendido também na DUBDH, no artigo 17. É necessário, orienta aquela declaração, que se dê a devida atenção não apenas “à inter-relação de seres humanos com outras formas de vida”, como também ao acesso aos recursos biológicos e genéticos, ao respeito pelo conhecimento tradicional” e “ao papel dos seres humanos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2005, p. 8) nessa tarefa de proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

13 MALTRATAR ANIMAIS

A preocupação com os animais expressa pelo sumo pontífice mostra-se em perfeita harmonia com as virtudes daquele que escolheu para lhe emprestar o nome, Francisco, o santo de Assis, o santo da comunhão com a natureza e com os animais.

Bioética, ecologia integral e a carta encíclica *Laudato si'*

O coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas. Todo o encarniçamento contra qualquer criatura “é contrário à dignidade humana” (LS 92).

O papa revela também seu conhecimento da mente humana quando alerta que a crueldade praticada hoje contra um animal poderá repercutir no futuro contra outros seres humanos, dolorosa admissão já feita por experimentos de psicologia em casos da gênese e desenvolvimento da personalidade de *serial killers*.

A interpretação da violência contra quaisquer criaturas como algo contrário à dignidade humana, Francisco traz do *Catecismo da Igreja católica* (§ 2418). Essa compreensão da totalidade de vida que agrega os seres em um mesmo nível de valores alcança, na atualidade, também a área jurídica, quando se colocam os animais como detentores de direitos e podendo ser representados em juízo. Merece referência a pioneira tese de doutorado sobre o assunto, defendida em 2000 por Edna Cardozo Dias, sob o título *A tutela jurídica dos animais*. Defendeu a jurista a tese de que é necessário que os humanos se reintegrem ao meio natural e entendam sua relação com todo tipo de vida, “o que requer a introdução dos animais no universo jurídico, fazendo emergir novos princípios em nosso Direito, como o respeito, a solidariedade a cooperação” (DIAS, 2020, p. 7). Igualmente valorizando o respeito a todos os seres vivos, Albert Schweitzer – médico, filósofo, humanista e detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1952 – diz que “a ética consiste, portanto, no meu experimentar da compulsão em prestar a todos os ‘seres-que-vivem-e-querem-viver’ a mesma reverência que presto a mim mesmo.” (1959, p. 309, tradução nossa).³ Considerado um dos inspiradores de Van Rensselaer Potter quando da sistematização da bioética, Schweitzer estabelece em sua ética da reverência pela vida que “a compaixão, onde se firmam as raízes da ética, não assume suas reais proporções até que abarque não apenas o homem, mas todos os seres vivos” (1972, p. 8, tradução nossa),⁴ a mesma abrangência que Francisco sintetizou quando disse que o coração de todos é um só.

14 A ÉTICA DO HOMEM MODERNO

Entremeando sua fala com palavras de Guardini (1965, p. 87-88), diz o papa Francisco:

A verdade é que “o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. Cada época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites. Por isso, é possível que hoje a humanidade não se dê conta da seriedade dos desafios que se lhe apresentam, e “cresce continuamente a possibilidade de o homem fazer mau uso do seu poder”

³ “[...] ethics consist, therefore, in my experiencing the compulsion to show to all will-to-live the same reverence as I do to my own.” (SCHWEITZER, 1959, p. 309).

⁴ “[...] compassion, in which all ethics must take root, can only attain its full breadth and depth if it embraces all living creatures and does not limit itself to mankind” (SCHWEITZER, 1972, p. 8).

quando “não existem normas de liberdade, mas apenas pretensas necessidades de utilidade e segurança”. (LS 105).

Mais uma vez as ideias expressas pelo papa estão em completa harmonia com as de Schweitzer, que advertia sobre o uso indevido dos poderes trazidos pelo progresso aos seres humanos e sobre os perigos do aumento do poder sem o desenvolvimento da razão voltada para o bem: “estamo-nos tornando desumanos na mesma proporção em que nos tornamos super-homens” (SCHWEITZER, 1972, p. 5, tradução nossa).⁵ Com a mesma preocupação, a DUBDH firma, em seu artigo 2, a importância de se respeitar “a dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2005, p. 4) para garantir que o desenvolvimento científico e tecnológico seja lastreado por princípios éticos.

15 LIMITES DA CIÊNCIA

Nos parágrafos finais da encíclica, a séria advertência de Francisco vem mostrar, mais uma vez, que sua clareza de ideias e capacidade de exposição não impedem a constância de sua sensibilidade, a ponto de sua fala mostrar as tinturas de um poema:

Não se pode sustentar que as ciências empíricas expliquem completamente a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade. Isto seria ultrapassar indevidamente os seus confins metodológicos limitados. Se se reflete dentro deste quadro restrito, desaparecem a sensibilidade estética, a poesia e ainda a capacidade da razão perceber o sentido e a finalidade das coisas. (LS 199).

As ciências, ele as confirma – como fez em todo o texto – mas aponta com firmeza para seus limites: elas não explicam completamente “a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade.” (LS 199). E deixa ainda mais claro o caminho de saída para a crise ambiental que o mundo atravessa: pensar no bem comum e procurar o caminho do diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto aos dizeres e diretivas do papa Francisco e à manifestação de pensadores de diversas áreas em prol de uma mudança de comportamento para que tenhamos um mundo melhor, sem exclusão social e sem degradação ambiental, surgem, felizmente, manifestações de pessoas que querem contribuir para a melhoria da vida no planeta. Um exemplo é o trabalho do grupo Raindrops, que se dedica à promoção de um novo olhar para um elemento da natureza que pode ser crucial durante a escassez de água doce: a chuva.

⁵ “[...] we are becoming inhuman to the extent that we become supermen” (SCHWEITZER, 1972, p. 5).

Bioética, ecologia integral e a carta encíclica Laudato si'

O século 21 é uma era urbana, prevendo-se que, até 2025, dois terços das pessoas fixem moradia nas cidades, o que tornará mais crítica a questão de escassez de água (pela falta de permeabilidade do solo urbano) e das inundações em tempo de chuva, alerta o pessoal do Raindrops (2002). Entretanto, a água da chuva, bastante acessível para muitos, não precisaria ser jogada na rede de drenagem, sendo seu uso, por meio da extensão mundial da rede de atividades de seu aproveitamento, uma contribuição para a prevenção de disputas por esse bem, explica aquele grupo. Realmente não é tarefa impossível – que já existe, mas é pouco divulgada – a confecção de telhados para casas ou prédios de grandes cidades que permitam a coleta da água da chuva, conduzindo-a para reservatórios na base das construções. Com isso, evita-se seu escoamento para as redes fluviais e seu final no mar, evitando-se também as enchentes em cidades.

O ser humano tem consciência de sua própria inteligência e de sua capacidade criativa. O momento é crítico e pede que esses dons sejam usados em benefício do planeta, nossa casa-família, nossa “casa comum”. As inestimáveis palavras de Francisco quando diz que “a gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade” (LS 201) precisam, com urgência, ser ouvidas pelo coração de todos. ✨

REFERÊNCIAS

ARAGUAIA, Mariana. Oceano de plástico: a triste realidade. **Mundo e Educação**, 2021. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/oceano-plastico-triste-realidade.htm>>. Acesso em: 7 set. 2021.

BARLOW, Maude. **Água: futuro azul**. São Paulo: M. Books, 2015.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

DÉOUX, Suzanne; DÉOUX, Pierre. **Ecologia é a saúde**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DIAS, Edna C. **A tutela jurídica dos animais**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2020.

DIAS, Genebaldo F. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Gaia, 2015.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1955.

FRANCISCO. Carta encíclica Laudato si': sobre o cuidado da casa comum. **A Santa Sé**, 24 maio 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 3 set. 2021.

GÓMEZ, Sergio. The ins and outs of meat production. In: NIERENBERG, Danielle. **Happier meals: rethinking the global meat industry**. Washington: Worldwatch Institute, 2005.

GRUPO RAINDROPS. **Aproveitamento da água da chuva**. Curitiba: Organic Trading, 2002.

GUARDINI, Romano. **Das ende der neuzeit**. Würzburg: Werkbund Verlag, 1965.

HERENDEEN, Robert A. Energy analysis and emergy analysis: a comparison. **Ecological Modelling**, Amsterdã, v. 178, n. 1-2, p. 227-237, out. 2004. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/sdfe/pdf/download/eid/1-s2.0-S0304380003005295/first-page-pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HOEKSTRA, Arjen Y.; CHAPAGAIN, Ashok K. **Globalization of water: sharing the planet's freshwater resources**. Victoria: Blackwell Publishing, 2011.

HUXLEY, Aldous. **A situação humana**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2006.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. **As cerimônias da destruição**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LOVELOCK, James. **The revenge of gaia**. Londres: Penguin Books, 2007.

MALYKKE, Yvonne. Foreword. In: HAVECKER, Ciril. **Understanding aboriginal culture**. Sidney: Cosmos, 1988.

MASTNY, Lisa; CINCOTTA, Richard P. Analisando ligações entre população e segurança: competindo por água e terras cultiváveis. In: RENNER, Michel; FRENCH, Hillary; ASSADOURIAN, Erik (Orgs.). **Estado do mundo 2005: relatório do Worldwatch Institute sobre o avanço em direção a uma sociedade sustentável**. Salvador: UMA, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Declaração universal sobre Bioética e direitos humanos**. Paris, 2005. Disponível em: <<http://fs.unb.br/images/Pdfs/Bioetica/DUBDH.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2021.

RODRIGUES, Danielle Tetü. **O direito e os animais: uma abordagem ética, filosófica e normativa**. Curitiba: Juruá, 2006.

SCHWEITZER, Albert. **The philosophy of civilization**. Nova York: Macmillan, 1959.

SCHWEITZER, Albert. The problem of peace. In: HABERMAN, Frederick W. (Ed.) **Nobel lectures: peace 1951-1970**. Amsterdã: Elsevier, 1972. Disponível em: <<http://nobelprize.org>>. Acesso em: 6 set. 2021.

WELZER, Harald. **A guerra da água: por que mataremos e seremos mortos no século 21**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016.

ZERPA, Claritza Arlenet Peña. La abuelita Grillo. **Formación IB**, 5 abr. 2019. Disponível em: <<http://formacionib.org/noticias/?La-abuelita-Grillo>>. Acesso em: 3 set. 2021.

Recebido em: 24/09/2021.

Aceito em: 09/11/2021.